

---

## BANDEIRA ESTÁ PARA RONSARD...

---

*Heloisa Helena de Campos Borges\**

---

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo comparar o poema de Manuel Bandeira "Paráfrase de Ronsard", com poemas de Pierre Ronsard, partindo da paráfrase como uma forma de intertextualidade. Esta comparação permite apreciar as estruturas poéticas e conhecer as idéias que sobreviveram desde a época do Renascimento.

---

### RECONHECENDO A TEXTURA DE UM TEXTO

Não é uma tarefa simples identificar textos que entrecortam outros textos e ampliam possibilidades de compreensão e leitura crítica. Pelo contrário, isso requer leitura quantitativa e qualitativa. Só com muita atenção é possível perceber *performances* da criação literária que existem sob a máscara da formalização estética, pois como já dissera Mallarmé "...plus au moins, tous les livres contiennent la fusion de quelques redites comptées..."<sup>1</sup>, algo como o fenômeno do eco que se propaga em outros elementos e repete sons, palavras, idéias, estruturas.

Para Bakhtin<sup>2</sup>, uma obra não pode viver nos séculos futuros sem se alimentar dos séculos passados: se ela não prolongar o passado, não poderá viver o futuro, pois tudo o que pertence somente ao presente morre com ele.

Nesta perspectiva é interessante desvendar procedimentos que suscitaram textos ou os percorrem, resultantes que são do entrelaçamento de outros textos assimilados e reelaborados. É a questão da intertextualidade ou como diz Samira Chalhub<sup>3</sup> "uma forma de metalinguagem onde se toma como referência uma linguagem anterior".

---

\* Professora Adjunta do ICHL/UFG. Mestre em Teoria Literária.

1 - Mallarmé, S. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard 1945. p. 367. (Bibliothèque de la Pléiade).

2 - Roncarí, Luiz D.A. "Bakhtin e a sabedoria." In: *Uma introdução a Bakhtin*" Santa Catarina, Hatier, 1988.

3 - Chalhub, Samira - *A metalinguagem*, São Paulo, Ática, 1988, p. 52.

Mediante essa concepção, uma das formas de decifrar a linguagem literária acontece pela percepção de textos anteriores que influenciaram a estruturação de um último, os quais coexistem com este que se escreve como ligação e prolongamento do passado no presente em direção ao futuro.

Há vários tipos de transposição de um código textual em outro, por exemplo, a paródia, a paráfrase, a estilização, a apropriação. Neste estudo, dar-se-á relevância à paráfrase. Isto se deve à leitura do poema “Paráfrase de Ronsard” de Manuel Bandeira que faz parte da coletânea intitulada *Estrela da vida inteira*. Este poema será confrontado com poemas do poeta renascentista francês Pierre de Ronsard – motivo do título – procurando perceber a transposição de um texto sobre o outro e compreender por que o poema de Manuel Bandeira intitula-se “Paráfrase de Ronsard”.

Através da leitura comparativa dos textos de um e de outro, é possível confirmar e demonstrar a influência, naquele momento, de Ronsard sobre Bandeira, além do cuidado de Manuel Bandeira em declarar fielmente sua fonte de inspiração.

Aliás, a intertextualidade que ocorre pela paráfrase não deixa de ser um exercício de desprendimento de várias partes porque se o texto de origem, presente no segundo texto, é o portador de sentido, ele permite, todavia, ser falado em vez de falar, ser apresentado em vez de apresentar, abrindo o jogo íntimo da cumplicidade.

Quem faz paráfrases traz em sua concepção a intenção, o ponto de vista, enfim, a perspectiva da voz do outro. Sua voz é híbrida. Ele canta com a entoação alheia. Ele ocupa um lugar no contexto literário, mas para recuperar o sentido e a palavra do outro, porque a paráfrase – sobretudo a confessada – é uma co-autoria especialmente reverenciada.

## PARÁFRASE COMO CONJUNTO DAS SIMILARIDADES

O termo *para-phrasis*, que no grego já significava continuidade ou repetição, é a reafirmação do sentido de uma obra, é a repetição de elementos ou idéias que não provocam corte, mas continuidade.

Por esse ângulo, é preciso refletir sobre a paráfrase literária, pois, se fenômenos do discurso artístico – discurso especialíssimo – são desconhecidos, fica empobrecida a interpretação que vê a paráfrase ou como estilo ou como imitação. Apenas como estilo, não se consegue atingir a essência do discurso; apenas como imitação, só se consegue apreender a apropriação do discurso do outro.

Portanto, deve-se reconsiderar a paráfrase enquanto vozes de um e de outro que se reúnem em torno de uma mesma significação.

Alguns críticos fazem distinção entre o discurso científico e o discurso poético. Segundo eles, o discurso científico pode ser parafraseado enquanto o discurso poético não. Quando isto acontece, eles consideram a paráfrase poética uma estilização.

Para Bakhtin, “a estilização estiliza o estilo do outro”<sup>4</sup>, o que significa que o autor, reafirmando a idéia do outro, se mantém nos tons e nas palavras deste outro que não entram em oposição com suas próprias idéias, mas se confirmam no sentido.

Assim, paráfrase e estilização são a convergência de vozes que se fundem como meio de instauração da linguagem do outro para expressar idéias que são de um e de outro, reciprocamente.

Segundo o pensamento crítico de Affonso Romano de Sant’Anna<sup>5</sup>, o discurso enquanto fusão de vozes é o *eixo parafrásico*, eixo que repousa sobre o idêntico e o semelhante, pois “falar de paráfrase é falar de intertextualidades das semelhanças”, é falar de uma voz que regula a própria tonalidade de acordo com a do outro. Este jogo de vozes anteriores e posteriores, reunidas no terreno do mesmo, repete o que já fora dito.

São vários os modelos propostos por Affonso Romano de Sant’Anna para se estudar os conjuntos de semelhanças e diferenças do discurso estético, partindo estes modelos dos conceitos de Bakhtin e Tynianov que haviam feito a oposição entre paráfrase e paródia.

Como este trabalho tem por objetivo somente o estudo da paráfrase para melhor apreender o sentido do poema “Paráfrase de Ronsard” de Manuel Bandeira, deixou-se de lado a paródia e seus módulos explicativos para buscar sustentação no que Affonso Romano de Sant’Anna denominou *Paráfrase Estilização – Conjunto das Similaridades*.

Mas, para compreender este conjunto, é necessário conhecer um pouco o que os lingüistas chamam “desvio”.

Na estruturação estética, onde construções passadas se relacionam com construções presentes em um fluxo incalculável de influências, há dados intertextuais que se apresentam diferentemente em relação aos textos originais. Estes dados podem tanto repetir ou se avizinhar, quanto distanciar do sentido e estrutura da obra reconsiderada, reafirmando ou subvertendo-lhe a significação.

Refletindo especificamente sobre o *Conjunto das Similaridades*, percebe-se que aí não existe a intenção de desarticular as idéias do texto original, distanciando-se do sentido. Pelo contrário, as modificações que o novo texto apresenta são consideradas “desvios mínimos” ou “desvios toleráveis” em relação

---

4 - Bakhtin, Mikail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1981. p. 167, 168.

5 - Sant’Anna, Affonso Romano de - *Paródia, paráfrase e Cia*, Rio de Janeiro, Ática, 1985, p. 47.

ao original, porque entre eles não acontece um distanciamento ou ruptura, mas uma aproximação. O novo texto se mantém fiel ao modelo inicial.

Para Affonso Romano de Sant'Anna, a paráfrase é o “desvio mínimo”; a estilização, o “desvio tolerável”. Assim conceituando, ele justifica a sua opinião de que a *paráfrase* “conforma” e a *estilização* “reforma”.

*Bandeira está para Ronsard,  
assim como Ronsard está para...*

Após compreender a paráfrase e a estilização como Conjunto das Similaridades, é possível, de maneira expressa, aproximar os poemas de Ronsard e Bandeira com a intenção de perceber o grau da influência do primeiro sobre o segundo, e observar se esta influência se conteve no desvio mínimo – paráfrase –, se no desvio tolerável – estilização –, ou se nos dois.

Para tanto, é preciso ter em mãos os poemas. São eles:

*Paráfrase de Ronsard*  
Manuel Bandeira<sup>6</sup>

Foi para vós que ontem colhi, senhora,  
Este ramo de flores que ora envio.  
Não no houvesse colhido e o vento e frio  
Tê-las-iam crestado antes da aurora.

Meditai nesse exemplo, que se agora  
Não sei mais do que o vosso outro macio  
Rosto nem boca de melhor feitio,  
A tudo a idade altera sem demora.

Senhora, o tempo foge ... e o tempo foge ...  
Com pouco morreremos e amanhã  
Já não seremos o que somos hoje ...

Por que é que o vosso coração hesita?  
O tempo foge ... A vida é breve e é vã ...  
Por isso, amai-me ... enquanto sois bonita.

---

6 - Bandeira, Manuel. *Estrela da vida inteira; poesias reunidas e poemas traduzidos*, 11. ed. Rio de Janeiro., José Olympio, 1986. p. 25, 26.

*Mignonne, allons voir si la rose ...*  
Pierre de Ronsard<sup>7</sup>

Mignonne, allons voir si la rose  
Qui ce matin avait déclose  
Sa robe de pourpre au soleil,  
A point perdu cette vesprée  
Les plis de sa robe pourprée,  
Et son teint au votre pareil.

Las! voyez comme en peu d'espace,  
Mignonne, elle a dessus la place  
Las, las ses beautés laissé choir!  
O vraiment marâtre Nature,  
Puisqu'une telle fleur ne dure  
Que du matin jusques au soir!

Donc, si vous me croyez, mignonne,  
Tandis que votre âge fleuronne  
En sa plus verte nouveauté,  
Cueillez, cueillez votre jeunesse:  
Comme à cette fleur, la veillesse  
Fera ternir votre beauté.

Odes, I, 17

*Je vous envoie un bouquet ...*  
Pierre de Ronsard

Je vous envoie un bouquet que ma main  
Vient de trier de ces fleurs épanies;  
Qui ne les eût à ce vêpre cueillies,  
Chutes à terre elles fussent demain.

Cela vous soit un exemple certain  
Que vos beautés, bien qu'elles sóent fleuries,  
En peu de temps cherront toutes flétries,  
Et comme fleurs, périront tout soudain.

---

7 - Ronsard, Pierre de. In: Lagarde & Michard, *XVI.<sup>e</sup> siècle: collection littéraire*. Paris: Bordas, 1963.

Le temps s'en va, le temps s'en va, ma dame;  
Las! le temps, non, mais nous nous en allons,  
Et tôt serons étendus sous la lame;

Et des amours desquelles nous parlons,  
Quand serons morts, n'en sera plus nouvelle  
Pour c'aimez-moi cependant qu'êtes belle.

Pièces retranchées des *Amours*

Feita a leitura do poema de Manuel Bandeira, procurou-se reconhecer entre os poemas de Pierre de Ronsard os que possivelmente serviram de inspiração. Foram dois os destacados: *Mignonne, allons voir si la rose...* e *Je vous envoie un bouquet ...*

Considerando a proposta de desvio mínimo ou de desvio tolerável, foram relacionados sentido e estruturas dos poemas de Ronsard que motivaram Bandeira a escrever seu poema *Paráfrase de Ronsard*.

Pierre de Ronsard foi um poeta francês da Renascença, membro do grupo “Plíade” que absorveu e tomou consciência da ordem diferente e do espírito novo do século XVI, o qual pretendia a regeneração e o enriquecimento do homem.

Ora, a Idade Média já vivera em grande familiaridade com a morte que às vezes era descrita com um realismo terrificante. Mas a obra de Ronsard vem celebrar a vida, marcando o auge da renovação poética da Renascença. Sempre a serviço da beleza, ele presta uma constante homenagem ao presente, valendo-se de um epicurismo incisivo que revigorava a idéia do *Carpe Diem*.

Através do poema *Mignonne, allons voir si la rose...* percebe-se a angústia do poeta francês em relação à rapidez do tempo, à brevidade da vida e à fragilidade da beleza. É preciso aproveitar o momento o mais possível, gozar o presente, colher as flores da juventude, pois a vida é fugaz e a natureza madrastra no sentido de que ele não protege seus entes do tempo que duramente destrói coisas e seres. Portanto, eis o conselho de Ronsard: “Cueillez, cueillez votre jeunesse” (Colhei, colhei vossa juventude) que percorre o poema de Bandeira nos versos “A tudo a idade altera sem demora”, “O tempo foge ... A vida é breve e é vã ...”, versos que repetem estilizadamente a idéia de que não se devem deixar escapar momentos preciosos porque estes, passados, não voltam mais.

Retomando as palavras de Affonso Romano de Sant’Anna quando diz que a estilização “reforma” enquanto a paráfrase “conforma”, vê-se que o sentido do poema de Ronsard *Mignonne, allons voir si la rose ...* persiste no poema de Bandeira, porém sem a intenção da repetição da estrutura formal dos

versos, mas como um sentimento globalizante que percorre a essência da estrutura emotiva do soneto.

Neste momento acontece um desvio em relação ao texto original, mas um desvio tolerável se encarado como desvio que renova sem, contudo, modificar o sentido do texto original. Assim, na estilização, o escritor goza de certa criatividade para introduzir elementos particulares no discurso, aproximando-se ou se afastando na arte da recriação, mas sem negar o sentido da autoria em sua co-autoria.

Já no que concerne ao poema *Je vous envoie un bouquet...* a recriação de Bandeira é um pouco diferente. Realmente ajustada ao texto original, a paráfrase de Bandeira reafirma a poética de Ronsard, seu campo semântico e estrutura formal, confirmando o seu sentido e conformando a sua realidade.

Para exemplificar, basta colocar um poema ao lado do outro e constatar o desvio mínimo do poema de Bandeira em relação ao de Ronsard.

Quanto à disposição formal, ambos são sonetos decassílabos, isto é, poemas formados de quatorze versos com dez sílabas, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos. Os quartetos têm igualmente rimas intercaladas - a b b a:

- 1 - Je vous envoie un bouquet que ma main
- 2 - Vient de trier de ces fleurs épanies,
- 3 - Qui ne les eût à ce vêpre cueillies,
- 4 - Chutes à terre elles fussent demain.

- 1 - Foi para vós que ontem colhi, senhora,
- 2 - Este ramo de flores que ora envio.
- 3 - Não no houvesse colhido e o vento e o frio
- 4 - Tê-las-iam crestado antes da aurora.

- 1 - Cela vous soit un exemple certain
- 2 - Que vos beautés, bien qu'elles soient fleuries,
- 3 - En peu de temps cherront toutes flétries,
- 4 - Et comme fleurs, périront tout soudain.

- 1 - Meditai nesse exemplo, que se agora
- 2 - Não sei mais do que o vosso outro macio
- 3 - Rosto nem boca de melhor feitio,
- 4 - A tudo a idade altera sem demora.

Portanto, os quartetos se ajustam estruturalmente de forma perfeita.

Já os dois tercetos têm, a princípio, rimas alternadas, e em seguida rimas paralelas assim distribuídas - c d c d e e - no poema de Ronsard.

Enquanto – c d c e d e – no poema de Bandeira. Esta pequena variação da arte de versificação vem comprovar e apontar o desvio mínimo perceptível quando da confrontação dos dois sonetos. Exemplificando.

- 1 - Le temps s'en va, le temps s'en va, ma dame
- 2 - Las! le temps, non, mais nous nous en allons,
- 3 - Et tôt serons étendus sous la lame;

- 1 - Senhora, o tempo foge ... e o tempo foge ...
- 2 - Com pouco morreremos e amanhã
- 3 - Já não seremos o que somos hoje ...

- 1 - Et des amours desquelles nous parlons,
- 2 - Quand nous serons morts, n'en sera plus nouvelle
- 3 - Pour c'aimez-moi cepedant qu'êtes belle.

- 1 - Por que é que vosso coração hesita?
- 2 - O tempo foge ... A vida é breve e é vã ...
- 3 - Por isso, amai-me ... enquanto sois bonita.

Como acontece normalmente, os dois quartetos desenvolvem uma idéia e os dois tercetos a reforçam, encerrando-se o soneto com um último verso denso e significativo.

Quanto ao campo semântico, basta confrontar o vocabulário empregado por Bandeira para sentir o quanto ele se espelhou em Ronsard. Por palavras e idéias ou por repetição de versos inteiros, Bandeira confirma e expressa o mesmo sentimento de Ronsard.

Por exemplo:

“Cela vous soit un exemple certain”

“Meditai nesse exemplo, que agora”

“Le temps s'en va, le temps s'en va,ma dame”

“Senhora, o tempo foge ... e o tempo foge ...”

“Pour c'aimez-moi cepedant qu'êtes belle”

“Por isso, amai-me ... enquanto sois bonita”

Voltando à questão do desvio, nos exemplos acima citados, constata-se um desvio mínimo em relação ao texto original quanto aos aspectos

rítmico, léxico e semântico. Portanto, conclui-se que o segundo texto reflete o primeiro, repetindo sentido e estrutura com tal cuidado, que as autorias das canções se misturam como se uma fosse o prolongamento da outra.

É bom destacar que, enquanto estilização, os poemas de Ronsard contribuem com as idéias, a filosofia renascentista de encarar e meditar sobre o “humano”, ao passo que, enquanto paráfrase, o poema “Je vous envoie un bouquet”, é a fonte onde repousa aquela de Manuel Bandeira em perfeita conformação formal e estrutural.

Justifica-se, pois, o estudo da paráfrase como conjunto das similaridades porque ficou provado que os poemas revelaram uma proximidade intensa e real quanto à forma e quanto à significação. Aliás, esta é uma das singularidades da paráfrase que se situa no espaço das semelhanças como um discurso que repete o que já fora dito, bastante identificado com a fala do outro, um primeiro, que, através de um segundo, tem suas idéias e estilo conservados.

Além do mais, esta reflexão sobre os poemas de Ronsard e Bandeira tornou possível conhecer mais um pouco deste significativo poeta do Modernismo brasileiro. Segundo Salette de Almeida Cara<sup>8</sup>, Manuel Bandeira é considerado por muitos o maior poeta do Modernismo, pois o cuidado formal faz dele o grande clássico da poesia contemporânea. Sem relegar as boas lições das suas origens, soube usar a linguagem coloquial, mas captando do real o que há de complexo sobre o evidente explícito. Muitas vezes buscava a tradição, mas a recriava em sua leitura e escritura literárias.

Sendo assim, ao construir esta mesclagem declarada de passado-presente, Manuel Bandeira demonstrou a qualidade clássica das suas informações, a dimensão do seu conhecimento poético, a intemporalidade do belo artístico e, principalmente, a sua grandeza interior quando da declaração e aceitação da excelência do outro, sujeitando-se a reexprimir formas consagradas e preciosas. Ele reconheceu que o que já fora dito o fora feito com tal força e justeza que, no presente, deveria ser repetido com o mesmo sentido e com a mesma estrutura.

Desta maneira, é possível compreender e apreciar mais profundamente a beleza do seu poema “Paráfrase de Ronsard”.

## RÉSUMÉ

Cet article a pour objectif de comparer le poème de Manuel Bandeira “Paráfrase de Ronsard” à des poèmes de Pierre de Ronsard, en mettant en évidence le procédé de la paraphrase comme une forme d'intertextualité. Cette comparaison permet d'apprécier les structures poétiques et de connaître les idées qui ont survécu depuis la Renaissance.

---

8 - Cara, Salette de Almeida. *Manuel Bandeira: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1981.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira; poesias reunidas e poemas traduzidos*. 11 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.
- 2 - BAKHTIN, Mikail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro, Editora Forense/Universitária, 1981.
- 3 - CARA, Salete de Almeida. *Manuel Bandeira: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1981.
- 4 - CHALHUB, Samira. *A metalinguagem*. São Paulo: Ática, 1988.
- 5 - JENNY, Laurent. et alii. "A estratégia da forma", *Intertextualidade*. Coimbra, Almedina, 1979.
- 6 - LAGARDE & MICHARD. *XVI.º siècle: collection littéraire*. Paris: Bordas, 1963.
- 7 - MALLARMÉ, Stéphane. *Oeuvres complètes*, Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade),
- 8 - RONCARI, Luiz et alii. *Um introdução a Bakhtin*. Santa Catarina: Hatier, 1988.
- 9 - SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1985.